
**NORMAS ÉTICAS NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO:
JESUS É FONTE DE ÉTICA CRISTÃ**

Edileuza Barros Ferreira
Oslei do Nascimento
Emerson Mildenberg
Sérgio Antunes de Almeida

RESUMO

Por meio dos ensinamentos de Jesus, alerta o homem para a conquista dos valores transcendentais do espírito. Uma visão de vanguarda sobre o evangelho de Cristo, revelando o quão atual é a ética apresentada há mais de dois mil anos. Através de reflexões oportunas e modernas, possibilita melhor entendimento da essência das lições que o carpinteiro de Nazaré veio trazer ao universo. Pelos relatos bíblicos, constata-se que a ética de Jesus se pautava na defesa da dignidade de todos os seres humanos. Jesus não inaugurou um código moral para condenar os impuros e pecadores. A ética de Cristo tem seu fundamento no cuidado com a vida, com a humanização. Encontraremos na bíblia princípios teóricos que regem diferentes áreas da vida humana. É na interação com esses princípios e com os problemas de cada geração, que a ética cristã se contextualiza e atualiza, sem jamais abandonar os valores permanentes e transcendentais revelados nas Escrituras. A ética cristã, em resumo, é o conjunto de valores morais total e unicamente baseado nas Escrituras Sagradas, pelo qual o homem deve regular sua conduta neste mundo, diante de Deus, do próximo e de si mesmo. Não é um conjunto de regras pelas quais os homens poderão chegar a Deus – mas é a norma de conduta pela qual poderá agradar a Deus que já o redimiu. Por ser baseada na revelação divina, acreditar em valores morais absolutos, que são à vontade de Deus para todos os homens, de todas as culturas e em todas as épocas.

115

Palavras-chave: Ética. Bíblia. Deus. Cristão.

ABSTRACT

Through the teachings of Jesus, he alerts man to conquer the transcendental values of the spirit. An avant-garde view of the gospel of Christ, revealing how current ethics presented more than two thousand years ago. Through timely and modern reflections, it allows for a better understanding of the essence of the lessons that the carpenter from Nazareth brought to the universe. From the biblical accounts, it appears that Jesus' ethics was based on defending the dignity of all human beings. Jesus did not inaugurate a moral code to condemn the impure and sinners. The ethics of Christ has its foundation in the care of life, with humanization. We will find in the Bible theoretical principles that govern different areas of human life. It is in the interaction with these principles and with the problems of each generation that

Christian ethics is contextualized and updated, without ever abandoning the permanent and transcendent values revealed in the Scriptures. Christian ethics, in short, is the set of moral values totally and solely based on the Holy Scriptures, by which man must regulate his conduct in this world, before God, his neighbor and himself. It is not a set of rules by which men can come to God - but it is the standard of conduct by which they can please the God who has already redeemed them. Being based on divine revelation, believing in absolute moral values, which are the will of God for all men, of all cultures and at all times.

Keywords: Ethic. Bible. God. Christian.

1 INTRODUÇÃO

A ética é um aspecto da filosofia, que está dividida ou formada por alguns grupos. Política, lógica, gnosiológica, esférica, metafísica e ética, que pode ser definida como: “Parte da filosofia que trata das questões e dos preceitos que se relacionam com os valores morais e a conduta humana. Conjunto de princípios, normas e regras que devem ser seguidos para que se estabeleça um comportamento moral exemplar”.

116

A ética no antigo testamento é retratada de acordo com a religião dos judeus como monoteísmo ético. E falada da existência de um único Deus, que criou todas as coisas, sendo ele um Deus de caráter positivo e não negativo ou neutro. Esse caráter se revela em seus atributos morais, na bíblia as referências podem ser encontradas Deus: é Santo Lv 11, 45; Sl 99, 9, Justo Sl 11, 7; 145, 17, Verdadeiro Sl 119, 160; Is 45, 19, Misericordioso Sl 103, 8; Is 55, 7, Fiel Dt 7, 9; Sl 33, 4.

A ética no novo testamento é diferente do antigo testamento, mas tem ele como base. Jesus e seus apóstolos usaram e aprofundaram os princípios e temas já presentes nas escrituras hebraicas dando origens aos novos. A ética de Jesus está existente em seus ensinamentos e é mostrado pela sua vida. O tema central da mensagem de Jesus é o conceito do “Reino de Deus”. Esse reino expressa uma nova realidade em que a vontade de Deus é reconhecida e aceita em todas as áreas. Jesus não apenas ensinou os valores do reino, mas os demonstrou com a vida e o seu exemplo.

Qualquer pessoa pode decidir entre o certo e errado, seja para com os homens ou para com Deus, porém a bíblia ensina como decidir diante das situações

que manifestam-se diante de nós. Mediante a essas situações como tomar as decisões certas? Se hoje o certo é moralmente errado? Como acertar em um mundo relativista, onde as pessoas matam uns para salvar os outros?

A doutrina moral de Kant é individual de qualquer sentido religioso. Sua moral exclui a noção de intenção como elemento de uma alma pura, e o dever não é uma obrigação a ser seguida em virtude de um ente superior a intenção e dever (em Kant) variam de pessoa epistemológica (eu transcendental) e não do eu psicológico (indivíduo). Para Kant, o sujeito transcendental trata-se de uma maquinaria, ou seja, aparelho cognitivo, subjetiva, universal e necessária estando presente em todos os homens, em todos os tempos e em todos os lugares. Assim, todo ser saudável possui tal magnificência, formado por três campos: a razão, o entendimento que são categorias e a sensibilidade, formas pura da intuição-espaco e tempo (KANT,2004).

A bíblia, o código de ética divino, vem ajudar nessas decisões morais que são impostas no mundo. A distinção entre ética e moral é (basicamente) a diferença entre teoria e prática, ou pensar e fazer. Devemos observar a regra de ouro em Mateus 7:12 ("Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei dos profetas"). Por que é difícil fazer as coisas certas? É mais fácil fazer o que é errado? Por quê?

117

Tendemos a ser corruptos. O pecado é o aniquilamento do bem. O mal não tem existência independente (por si só ele não existe). Qualquer coisa má (atitude, comportamento, ação, pensamento etc.), é alguma coisa boa que saiu do controle.

Exemplos: orgulho: amor próprio aumentado desproporcionalmente; ganância: apreciação por coisas que se tornou idolatria ou egoísmo etc. Toda coisa má é alguma coisa boa que se corrompeu (se distorceu, saiu do controle).

Todos os seres humanos (sem exceção) foram criados para o bem; pois Deus nos fez a sua imagem e semelhança; com caráter e conduta semelhantes ao dele próprio; conferir em Gênesis 1.27,28 e I Jo 4.8 ("Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor"); mas infelizmente, a corrupção tem sido uma inclinação para o mal; é a ausência de uma coisa boa e necessária. É a atitude de se afastar de Deus; é a nossa rebeldia que ocasiona o pecado (Romanos 3.23 "porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus").

2 ÉTICA TEOLÓGICA

A ética teológica, também conhecida como teologia moral, caracteriza-se como um saber crítico sobre a práxis dos cristãos. É a parte da teologia que estuda as ações humanas a fim de ordená-las em função da vontade de Deus. É também, uma expressão particular da teologia que coloca sua atenção sobre as implicações da fé sobre o agir moral do cristão.

A palavra *ethos* (etimologia grega) pode querer dizer caráter e costume. Mas, também, residência, morada. O *ethos* aponta para um modo próprio de ser e de viver humanamente, seu santuário interior seria algo tão profundo que transcende às normas morais. *Ethos* também traduz a experiência e a sabedoria do modo de vida de um povo, sua cultura. Em relação ao uso na linguagem corrente, o adjetivo ético é frequentemente utilizado como sinônimo de moral. Porém, o pensamento contemporâneo reserva o substantivo ético exclusivamente para a ciência cujo objeto é investigar a ação moral do indivíduo. A adoção do termo ética para referi-lo à ciência do comportamento não impede o uso do termo moral para a mesma ciência, mas do ponto de vista teológico, cada religião elabora sua própria ciência do comportamento humano, ou seja, elabora sua teologia moral.

118

A teologia moral não é somente a doutrina acerca de princípios e preceitos morais, mas a exposição da mensagem do Evangelho e da vocação dos discípulos de Jesus. Seu centro é o evento Cristo. A reflexão moral, realizada à luz de Cristo, desenvolveu-se também na forma específica de ciência teológica, chamada teologia moral (*Veritatis Splendor* n.28). A moral procurava definir o que era proibido e permitido. O esgotamento desse modelo deu lugar à moral renovada (Escola de Tübingen), que tem em Bernard Häring um autor de referência, sendo adotada pela Igreja no Concílio Vaticano II, segundo *Optatam Totius* n.16 (1965): Consagre-se cuidado especial ao aperfeiçoamento da teologia moral, cuja exposição científica, mais alimentada pela doutrina da Sagrada Escritura, evidencie a sublimidade da vocação dos fiéis em Cristo e sua obrigação de produzir frutos de caridade para a vida do mundo.

A partir disso, a teologia moral também passou a ser considerada como ética teológica. Um dos principais objetivos consiste em situar a ética teológica no

horizonte mais vasto do evento Cristo (Ética de Jesus). Por ser uma realidade subjacente a toda teologia, é a compreensão do ethos de Jesus que cumpre evidenciar. A ética teológica se apresenta como uma tentativa de conjugar o humanum marcado não por um Cristo parado no espaço e no tempo, mas por um Cristo que caminha com os seus. O ethos cristão vai emergindo da experiência acumulada pelos cristãos ao longo da história, onde se espelham, sempre de novo, em Jesus Cristo: como ele se posicionou diante das várias situações? Numa realidade em constante mudança, como articular o que permanece e o que evolui? O cristão tem um modo de compreender e de agir que atravessa os vários ethos, sem perder sua especificidade: Cristo, como norma primeira, é o fundamento de toda ética teológica.

3 ÉTICA E TEOLOGIA NO ANTIGO TESTAMENTO

3.1 A imagem de Deus

119

Para Theologica Latinoamericana Enciclopédia Digital (2013), a teoria referenciada na bíblia refere-se a Deus tendo relação com suas criaturas de modo particular o ser humano. O diálogo de Deus com o ser humano mostra preocupação divina com a realidade de cada pessoa, sua situação e seu modo de proceder na história. Um dado original da religião de Israel consiste no enraizamento histórico da teologia, com o conseqüente desdobramento ético.

Segundo Balthasar, tselem" é associada com artesanato; indica que alguma coisa foi cortada e esculpida, como é o caso das imagens de ídolos..., estátuas erigidas". A palavra aparece na Bíblia, tem o significado de forma ou aparência Sl. 73:20, (MORAES, 2015).

3.2 O Deus da libertação

Em Ex 3,7-8 diz "Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa de seus opressores, pois conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios e fazê-lo subir desta terra para uma

terra boa e vasta, terra que mana leite e mel”. Na bíblia a libertação dos israelitas da opressão egípcia, Deus de índole ética é movido a intervir para arrancar das garras do opressor um povo fadado ao extermínio pela crueldade do faraó.

Os verbos ver, ouvir, descer, libertar e fazer subir define o agir ético de Deus e direciona para a conduta esperada do ser humano. Ver e ouvir presume proximidade e atenção em face ao sofredor. Descer corresponde a se desinstalar com o propósito de agir. Libertar e fazer subir são gestos concretos em favor do oprimido. Constatar a realidade do oprimido sem a conseqüente ação resulta em comiseração estéril e, por conseqüência, dispensável. Eis por que Deus toma as providências para a reversão da sorte dos israelitas. Serão tirados da terra da opressão e conduzidos à terra da fraternidade.

Dt 7,7, o termo “meu povo” sublinha o afeto divino, no trato com os israelitas. Deus se sente ligado àquele povo insignificante, “o menor dentre os povos” assumindo-o como povo de sua escolha. Israel será o povo de Deus, libertado da escravidão e do risco de ser eliminado (THEOLOGICA LATINOAMERICANA ENCICLOPÉDIA DIGITAL, 2013).

120

3.3 O Deus da aliança

A libertação foi o gesto de salvação de Deus. Embora os israelitas como “meu povo”, estão na dependência de ser acolhido como o Deus do povo. A relação deverá ser selada com um pacto – *berit* – bilateral, engajando ambas as partes. Os termos do pacto podem ser formulados de dois modos complementares: na perspectiva de Deus, “Eu serei o teu Deus e tu serás o meu povo”; na perspectiva do povo, “Nós seremos teu povo e tu serás nosso Deus”, Jr 31,31-34; Ez 11,20. Compete aos israelitas a decisão, pois, da parte de Deus, a escolha já está feita: Israel é “meu povo”.

Portanto, a salvação antecedeu à aliança. Pois, Deus libertou os israelitas da opressão antes de ser acolhido como o Deus de Israel. Esse gesto de misericórdia foi inteiramente dado de graça e independeu dos méritos do povo ou de qualquer obrigação de sua parte, ao tomar as dores de Israel, por ser incapaz de se manter indiferente diante do sofrimento dos fracos e pequeninos.

A aliança é uma proposta a ser acolhida ou rejeitada. Porém, ao aceitá-lo como seu Deus, Israel estaria se comprometendo com um projeto de vida fundado na compaixão e na misericórdia, experimentadas na libertação da escravidão egípcia. A fé resultante da aliança apelaria para relações justas no trato com o semelhante. Esta seria a maneira correta de ser fiel ao pacto selado com Deus. O componente ético da aliança é inevitável.

3.4 O Deus de Torá

O projeto ético de YHWH está codificado no Decálogo, Ex 20,1-17; Dt 5,6-22, no Código da Aliança, Ex 20, 22-23,19, no Código Deuteronomico, Dt 12-26, e no Código Sacerdotal, Lv 17-26. Estas formulações, no estilo dos códigos de lei da antiguidade, abrangem todas as áreas de ação da pessoa de fé, sem se limitarem ao culto. Correspondem a uma espécie de código de ética para quem aderiu à aliança com YHWH.

121

As leis da Torá têm como papel regular as relações humanas, para evitar qualquer forma de injustiça ou de malefício em relação aos mais fracos, cuja dignidade é humilhada pela ação dos prepotentes. Qualquer ato resultante em vitimização dos pobres e dos indefesos terá a reprovação divina e consistirá em afronta ao Deus de Israel. Na direção contrária, tomar partido em favor deles significa agir em sintonia com Deus.

Diferentemente dos códigos legais de outros povos, a Torá bíblica é atribuída a YHWH. Sua origem é divina e, portanto, inquestionável. Na Torá, o judeu mantém o foco de seguimento, pois existem nela conselhos de conduta a serem seguidos no convívio social, como, por exemplo, em Provérbios 6:1-2, da Bíblia hebraica, em que é aconselhado que o homem não deve ser fiador de outro:

Meu filho, tornaste-te fiador para algum companheiro e (para afirmá-lo) apertaste a mão de um estranho, 2 foste emboscado pelas palavras de (tua própria) boca, tornaste-te prisioneiro do que ela pronunciou. 3 Para te livrares, meu filho, faz então isto (que vou te dizer), já que na mão de teu próximo caíste: vai e humilha-te perante ele, concede-lhe superioridade. (BÍBLIA HEBRAICA, 2006, p. 684).

4 A IMAGEM DO SER HUMANO

4.1 A imagem e semelhança

A decisão divina de criar o ser humano à sua “imagem e semelhança tem um forte componente ético. Diferentemente dos demais humanos, teria como vocação fundamental seguir os passos de Deus na criação, exercendo o domínio sobre as demais criaturas, na condição de continuador da obra divina. Dominar significa responsabilizar-se pelo que saiu das mãos de Deus com o selo da bondade, como declara o refrão repetido no final de cada etapa da obra criadora – “Deus viu que isso era bom!” – para se concluir com a constatação – “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom”, Gn 1,31. Por sermos a imagem e semelhança de Deus o ser humano deve agir como Deus, no trato com o semelhante e com as demais criaturas.

Um elemento fundamental na obra da criação é a igualdade de posição entre homem e mulher. “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou”, Gn 1,27. O componente ético dessa declaração é inquestionável. A “imagem e semelhança” apelam para a capacidade do ser humano agir em harmonia com o Criador. Foi depositado em seu coração o que Deus tem de melhor. Bondade, misericórdia e compaixão são características do ser humano, distinguindo-o dos demais seres vivos. Os gestos humanos de bondade, em última análise, expressam a bondade de Deus, presente no íntimo do homem bom. O mesmo se diga das ações misericordiosas, dos atos de cuidado com o semelhante e da compaixão em face aos sofredores. Por este viés, Deus se faz presente na história, como “Deus de ternura e compaixão”, Ex 34,6.

122

4.2 O apelo a “caminhar com Deus”

O profeta Miqueias formulou com precisão o apelo que ressoa no coração de cada ser humano. “Foi-te anunciado, ó homem, o que é bom e o que YHWH exige de ti: nada mais que praticar a justiça, amar a bondade e te sujeitares a caminhar

com teu Deus”, Mq 6,8. Essa proposta de vida supõe uma relação inextricável entre o humano e o divino. O caminhar com Deus – o caminho da fé – concretiza-se nos gestos de justiça e de bondade, nas relações interpessoais. Caminhar com Deus significa caminhar com o próximo.

Caminhar é verbo de ação, sempre em movimento, onde surge novas possibilidades de ser justo e bondoso. Estando com Deus o ser humano, ao se encontrar com o próximo, será apelado a atuar como atuou o Deus apiedado com o Israel sofredor nas mãos do faraó egípcio. A ética bíblica supõe o ser humano caminhante, sem se cansar na prática do bem. Suspender os braços corresponde a bloquear a possibilidade de Deus fazer o bem à humanidade, pelo intermédio da pessoa de fé.

A renúncia ao caminhar com Deus tem o efeito de deixar o ser humano largado à própria sorte com o risco de se desviar do bom caminho e ir pelas estradas tortuosas do vício e da impiedade. Ter Deus como companheiro de caminhada possibilita-lhe perseverar na prática do bem, mesmo que em muitas vezes, deve-se enfrentar desafios que põem à prova a consistência de sua própria fé.

123

4.3 O agir radicado na liberdade

O tema da liberdade passa por toda a Bíblia. A imagem e semelhança divina não privam o ser humano de seu elemento identificador que seria a capacidade sua de se decidir. A decisão mais radical consiste em poder dizer *não* ao querer divino e seguir os apelos das paixões e dos instintos. Um exemplo seria a história da criação que atenta para este dado da realidade humana ao falar de Adão e Eva, que deram ouvido à serpente, à rebeldia da ordem divina. “YHWH Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer”, Gn 2,16-17.

A serpente sugere à mulher: “Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal” passagem, Gn 3,4-5. Eva deixou que o que a serpente estava dizendo fosse bom e induz o marido a fazer o mesmo. Aqui o mandamento de Deus

foi deixado de lado. Misterioso é Deus não ter cumprido a promessa de submeter-lhes a morte. Antes, a expulsão do Jardim do Éden, poupando-lhes a vida. Contudo, sua existência compreenderia num contínuo desafio de fazer escolhas certas. Em muitas ocasiões, a Bíblia refere-se à encruzilhada na qual o ser humano continuamente se encontra, Dt 30,15, “eis que hoje ponho diante de ti a vida e a felicidade, a morte e a infelicidade”

Mais adiante se dá um conselho sensato: “Escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência, amando a YHWH teu Deus, obedecendo à sua voz e apegando-te a ele”, Dt 30,19-20.

Em Dt 11:26-28, diz:

“Eis que hoje eu ponho diante de vós a bênção e a maldição; A bênção, quando cumprirdes os mandamentos do Senhor vosso Deus, que hoje vos mando; Porém a maldição, se não cumprirdes os mandamentos do Senhor vosso Deus, e vos desviardes do caminho que hoje vos ordeno, para seguirdes outros deuses que não conhecestes”.

Aqui a decisão vem em forma de obediência ou desobediência aos mandamentos de YHWH, com o desfecho de bênção e maldição pela escolha feita. A sorte do fiel está na dependência de um ato da liberdade, sem qualquer imposição da parte de Deus. O Salmo um descrevem o caminho dos justos e o caminho dos ímpios, com os respectivos resultados, Pr 4,18-19. Cabe ao ser humano decidir-se e assumir as consequências. Eclo 15,11-20, trata da liberdade humana. Uma afirmação lapida e define a condição humana: “Desde o princípio Deus criou o ser humano e o abandonou nas mãos de sua própria decisão” (Eclo 15,14). Donde a responsabilidade por cada um de seus atos, sem o alibi de atribuí-la a outrem. “Não digas: ‘É o Senhor que me faz pecar’ [...] Não digas: ‘É ele que me faz errar’”, Eclo 15,11-12. A personificação da Sabedoria, Pr 9,1-6, e da Insensatez, Pr 9,13-18, aludem à dupla voz a ressoar no íntimo do coração humano, diante das quais é desafiado a se posicionar.

A ética bíblica, embora de caráter religioso, jamais atropela a liberdade humana. Existe uma proposta divina a ser acolhida ou rejeitada. Acolhê-la significa aderir a YHWH e decidir-se a caminhar com ele. Enquanto rejeitá-la é a decisão de dispensar YHWH e lançar-se solitário nas aventuras da vida, com o risco de se perder. Em hipótese alguma, a decisão será produto de pressão ou de ameaça.

Cabe ao ser humano optar e arcar com as consequências dessa opção e escolher.

5 FÉ E ÉTICA

5.1 Duas faces da mesma moeda

Teologia e Ética, na Bíblia, são como as duas faces de uma moeda. Caminham sempre juntas! A vertente teológica fala de Deus preocupado e atento ao ser humano, à sua conduta e à sua sorte. Jamais se pensa um Deus alienado, fechado no mundo celeste, despreocupado com o destino da humanidade e de suas criaturas. Na expressão de Sb 11,24-26 – “Tu amas tudo o que criaste não te aborreces com nada do que fizeste; se alguma coisa tivesse odiado, não a terias feito, fica aqui um Deus filantropo, pois como poderia subsistir alguma coisa, se não a tivesses querido”? Como conservaria sua existência, se não a tivesses chamado?

A vertente ética aponta para o ser humano querer adequar sua vida ao querer divino, tornando-o norte de sua ação. Esta forma de teonomia de modo algum o transforma em joguete nas mãos da divindade, pois em sua origem está uma decisão livre por abraçar o projeto de Deus como caminho de vida. De outro lado, a possibilidade de romper com Deus e seguir o caminho da impiedade e da morte estarão sempre diante do ser humano. O Salmo 73 refere-se à tentação do justo de se bandear para a infidelidade. “Por pouco meus pés tropeçavam, um nada, e meus passos deslizavam, porque invejei os arrogantes, vendo a prosperidade dos ímpios” (v.2-3). Entretanto, o justo supera a tentação e se decide por Deus. “Quanto a mim, estou sempre contigo, tu me agarraste pela mão direita; tu me conduzes com teu conselho e com tua glória me atrairás [...]. A rocha do meu coração, minha porção é Deus, para sempre! [...] Quanto a mim, estar junto de Deus é o meu bem!” (v.23-28).

A atitude do ímpio, ao negar a existência de Deus, é diferente na sociedade de Israel. “Diz o insensato em seu coração: ‘Deus não existe!’ [...] Não sabem todos os malfeitores que devoram meu povo como se comessem pão, e não invocam a YHWH?”, Sl 14,1.4. O fenômeno moderno do ateísmo era desconhecido. Enveredar-se pelo caminho da maldade significava romper com o Deus de Israel e sua lei. Na direção contrária, praticar a justiça tornava-se ato de piedade de alta consistência

religiosa.

5.2 A historicidade da fé

A relação fé e ética se devem ao enraizamento histórico da revelação do Deus de Israel. YHWH se fez conhecer na história e, na história, se estabelece o relacionamento com ele. Nada acontece distante da história, na relação do fiel com seu Deus. Aí se dá o ato de fé, com seu desdobramento de fidelidade ou infidelidade. Aí o fiel se compromete com seu Deus e se dispõe a ser-lhe obediente. Aí é possível experimentar a conversão, ao escutar os apelos de Deus, de modo especial, pela voz dos profetas. “Volta, Israel, a YHWH teu Deus, pois tropeçaste em tua falta. Tomai convosco palavras e voltai a YHWH. Dizei-lhe: ‘Perdoa toda culpa, aceita o que é bom. Em lugar de touros nós queremos oferecer nossos lábios [...] porque é em ti que o órfão encontra misericórdia” é o apelo de Oséias ao Israel infiel, Os 14,2-4.

126

“O líder Josué, tendo reunido todas as tribos em Siquém, urge tomar uma decisão, no momento em que estão instaladas, cada uma no respectivo território. “Escolhei hoje a quem quereis servir [...]”. “Quanto a mim eu e à minha casa, serviremos a YHWH”, Js 24,15. O povo responde unânime: “Nós também serviremos a YHWH, pois ele é nosso Deus [...]”. É a YHWH que serviremos [...]. A YHWH nosso Deus serviremos e à sua voz obedeceremos”, Js 24,18. 21.24. Servir a YHWH corresponde a viver o dia a dia segundo o *estatuto* e o *direito* fixado por Josué, como “Lei de Deus” (cf. Js 24,25-26). O desafio consistirá em fazer valer a misericórdia no trato mútuo, de forma que a fraternidade aconteça, deixando para trás a opressão egípcia. A obediência e o serviço a YHWH se tornarão visíveis no estilo de vida das tribos. De igual modo, a desobediência e a infidelidade!”

5.3 Secundariedade do culto

Os profetas de Israel chamaram a atenção para o papel secundário do culto, na relação com a ética. Deus não se agrada com os sacrifícios e holocaustos, quando a vida do fiel está em desordem com o seu querer. Só em correta relação

com o próximo, baseada no direito e na justiça, dispõe o crente para os sacrifícios.

Isaías levantou-se contra o culto praticado em seu tempo, Is 1,10-20. Deus mesmo declara estar farto dos holocaustos, sacrifícios, oferendas, festas e peregrinações feitas para honrá-lo. “Estou farto [...] não posso suportar falsidade e solenidade” (v.11.13). “Quando estendeis vossas mãos, desvio de vós meus olhos. Ainda que multipliqueis a oração não vos ouvirei. Vossas mãos estão cheias de sangue” (v.15). O culto agradável a Deus tem pressupostos éticos bem claros. “Tirai da minha vista vossas más ações! Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Buscai o direito e corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva!” (v.16-17). O culto sem o respaldo da ética fica esvaziado!

Amós, Am 5,21-27, a injustiça desacredita o culto. “Eu odeio, eu desprezo as vossas festas e não gosto de vossas reuniões. Porque, se me oferecis holocaustos [...], não me agradam as vossas oferendas e não olho para o sacrifício de vossos animais cevados. Afasta de mim o ruído de teus cantos, eu não posso ouvir o som de tuas harpas!” (v.21-23) são palavras postas na boca de Deus. A atenção de Deus está voltada para o coração de quem o cultua, sem lhe importar o que faz e o que lhe oferece. A exigência é precisa: “Que o direito corra como a água e a justiça como um rio caudaloso!” (v.24). O culto deve ser autêntico só com o respaldo do direito e da justiça.

127

Em outro oráculo, o profeta ironiza as peregrinações aos santuários tradicionais de Israel (cf. Am 4,4-5). Peregrinar a Betel e a Gilgal é um caminho de pecado. Os sacrifícios, os dízimos e as oferendas voluntárias satisfazem o gosto dos adoradores – “porque é assim que gostais israelitas” (v.5) –, mas não a YHWH. A motivação se repete: a sociedade de Israel carece de direito e de justiça, no trato dos fracos e indefesos. A má conduta ética torna o culto desprezível para Deus.

Jeremias faz eco aos profetas que o antecederam dizendo: “Que me importa o incenso que vem de Sebá, e a cana aromática de países longínquos? Vossos holocaustos não me agradam e vossos sacrifícios não me comprazem”, Jr 6,20. Mais adiante, o profeta se levantará contra o Templo de Jerusalém, único lugar de culto em sua época, por se ter instalado aí um culto desprovido de compromisso ético, Jr 7,1-15. O culto agradável a Deus não se coaduna com a prática da injustiça, da opressão do estrangeiro, do órfão e da viúva, com o derramamento de sangue

inocente “neste lugar” e com a idolatria. A sorte do Templo haveria de ser a mesma do antigo santuário de Siló, onde estava a Arca da Aliança, 1 Sm 4,1-11.

“A denúncia de Jeremias evoca a pregação de Miquéias que, como ele, havia anunciado a ruína de Jerusalém devido à corrupção geral instalada na cidade. “Por culpa vossa, Sião será arada como um campo, Jerusalém se tornará lugar de ruínas, e a montanha do Templo, cerro de brenhas”! Mq 3,12; Jr 26,18. “A grandeza dos locais de culto a YHWH não resulta da grandiosidade das liturgias e, sim, da qualidade ética de quem lhe presta culto”.

6 GRANDES VERTENTES DA ÉTICA BÍBLICA

6.1 O amor entranhado a Deus

“Dois são os vetores da ética, no âmbito da Bíblia: Deus e o próximo. Passa por aqui toda a ação do israelita de fé, preocupado em vivê-la com autenticidade. Correspondem-lhe dois desafios: a idolatria e o egoísmo. Bandear-se para outros deuses tem como consequência aderir a outro *ethos*, incompatível com o projeto de YHWH; buscar os interesses pessoais, em detrimento do irmão carente, só é possível para quem rompeu com seu Deus”.

A formulação mais peremptória da relação do crente com YHWH exige dele adesão incondicional e irrestrita. “Ouve, ó Israel: YHWH nosso Deus é o único YHWH! Portanto, amarás YHWH teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força!”, Dt 6,4-5. O coração do fiel estará inteiramente voltado para YHWH, a ponto de determinar-lhe toda a conduta. Cada gesto terá, aí, sua raiz e será todo carregado de densidade teológica.

Criatura alguma, jamais, poderá ocupar o lugar reservado apenas para Deus na vida do crente, sob pena de desdizer-lhe totalmente a fé. O profeta de Israel serviu-se de metáforas matrimoniais para denunciar a idolatria do povo, considerando-a adultério. A experiência pessoal de Oséias serviu-lhe de parábola para compreender o que se passava com o povo, Os 1,2-9. A conversão corresponde à reconstrução da fidelidade matrimonial, à conduta esperada da esposa fiel. “Eis que, eu mesmo, a seduzirei, conduzi-la-ei ao deserto e falar-lhe-ei

ao coração!” Os 2,16. A fidelidade processa-se no mais íntimo do fiel, determinando-lhe todo o modo de proceder. É onde acontece o amor entranhado a Deus.

6.2 O cuidado com o próximo

A ética bíblica tem um foco bem preciso: o próximo necessitado ou fragilizado. Os escravos não podem ser maltratados, Ex 21,1-11; Dt 15,12-18. O pobre e o inocente gozarão de proteção, evitando-se serem explorados, Ex 23,6-8. A mulher, casada ou não, carente de peso social, era protegida pela Lei, Ex 22,25-16; Dt 22,22-23,1. A vida humana gozava de especial cuidado, a ponto de se dever tirar a vida aos assassinos, Ex 21,12-36; Lv 24,17; Dt 24,7. A prática da agiotagem era condenada com força, por vitimar as pessoas mais frágeis da sociedade, Ex 22,24; Lv 25,35-37; Dt 23,20-21. O manto tomado em penhor deveria ser restituído antes do pôr do sol, por ser o agasalho com o qual o pobre se protegeria do frio, Ex 22,25-26; Dt 24,12-13. O dízimo trienal pertencia ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, para comerem e se saciarem, Dt 14,28-29; 26,12-13. O falso testemunho era coibido, para não se penalizar o inocente, vítima da maldade alheia, Dt. 19,15-21. O trabalhador diarista tinha o direito de receber o salário no mesmo dia, antes do pôr do sol, por ser pobre e necessitado, Dt. 24,14-15; Lv 19,13. Uma sociedade sem cuidado com os pobres, as viúvas, os órfãos e os estrangeiros caminham na contramão de Deus.

129

6.3 A recriação da fraternidade

A desobediência de Adão e Eva, Gn 3 e o fratricídio de Caim, Gn 4, rompem o projeto divino original, alicerçado na comunhão. Os relatos da criação descrevem a perfeita harmonia nas relações entre Deus e o ser humano, dos seres humanos entre si e destes consigo mesmo e com a natureza. A nova realidade abriu as portas para toda sorte de iniquidade, dando origem à banalização da vida humana. A vingança sem freios é referida nos primórdios da humanidade. “Caim é vingado sete vezes, mas Lamec, setenta e sete vezes”, Gn 4,24. Mais adiante se faz uma constatação espantosa: “YHWH viu que a maldade do homem era grande sobre a

terra, e que era continuamente mau todo desígnio de seu coração. YHWH arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e afligiu-se o seu coração”, Gn 6,5-6.

A sequência da narração bíblica pode ser entendida como o esforço de se recriar a comunhão e a fraternidade queridas por Deus. Os seres humanos foram desafiados a encontrar uma forma de convivência que fizesse deles irmãos e irmãs da grande família dos filhos e filhas de Deus. A ética daí decorrente se entende como o resultado do diálogo entre YHWH e o ser humano, em busca da forma conveniente de conviver. O querer divino corresponde a tudo quanto favoreça e promova o entendimento e o respeito entre as pessoas. Na direção contrária, situam-se as ações geradoras de divisão, injustiça e morte. Esta é a chave para se compreender o que, na história, sintoniza com a verdadeira ética de matiz teológico.

7 QUATRO PALAVRAS BASILARES

7.1 Direito – mishpat

Quatro palavras se fazem insistentemente presentes quando os textos bíblicos citam à ética, decorrente da fé em YHWH, o Deus de Israel: direito, misericórdia, justiça e fidelidade. São termos que apontam para a relação de Deus com os seres humanos e a dos seres humanos entre si. Pode acontecer de serem usadas em paralelo – “Sou o Senhor que pratico o amor, o direito e a justiça na terra”, Jr 9,23 – ou em dupla – “A justiça será o cinto dos seus lombos e a fidelidade, o cinto dos seus rins”, Is 11,5. Na visão bíblica, importa a realidade e não o conceito abstrato. Assim, mais importante que belas teorias sobre justiça e misericórdia são as situações concretas em que se tornam realidade.

Querer divino, regulador das relações interpessoais, pode ser entendido como a Torá, enquanto orientação de YHWH a ser posta em prática nas relações interpessoais. Atropelar o direito corresponde a virar as costas para YHWH e seguir a direção contrária ao seu querer. Respeitar o direito e se deixar guiar por ele é a atitude de quem está sintonizado com YHWH e abraça seu querer como projeto de vida.

A missão dos profetas de Israel consistiu em pregar a submissão ao direito e a adequação do modo de proceder aos mandamentos de YHWH. Miquéias anuncia intrépida sua disposição interior: “Estou cheio de força, do espírito do Senhor, de direito e de coragem para anunciar a Jacó seu crime e a Israel seu pecado”, Mq 3,8. Como os demais profetas, atua como instância crítica, ao falar em nome de YHWH. “Ela (Jerusalém) rebelou-se contra meus preceitos e minhas leis [...]. Desprezaram meus preceitos e não viveram segundo minhas leis” proclama Ezequiel, Ez 5,6.

Os profetas anseiam pelo dia em que surgirá um rei disposto a se pautar pelo direito, como exige Dt 17,14-20. “Eis que um rei reinará conforme a justiça e os príncipes governarão segundo o direito” é o anseio de Isaías Is 32,1. O direito será a regra de convivência entre as pessoas, pois o Messias (= rei) firmará seu trono “no direito e na justiça”, Is 9,6. Ezequiel alude ao Messias com a imagem do pastor, que, ao contrário dos mercenários (= falsos pastores), vai apascentar seu rebanho “conforme o direito”, 34,16.

131

7.2 Misericórdia – *hesed*

O hebraico *hesed* é traduzido de variadas maneiras, dependendo do contexto da ocorrência. Amor, misericórdia, piedade, benevolência, bondade e compaixão são algumas das várias possibilidades. A tradução mais comum é amor e misericórdia, embora haja outro termo para amor (*‘ahabah*) e para misericórdia (*rahamim* = entranhas; donde a expressão “entranhas de misericórdia”). Em Zc 7,9, encontramos a exortação: “Praticai o amor (*hesed*) e a misericórdia (*rahamim*)”. Alguns textos falam da misericórdia de Deus para com os seres humanos, Jr 9,23; 33,11; Is 54,10; Sl 33,5; 103,8. Outros se referem ao amor-misericórdia dos seres humanos entre si, Os 6,6; Pr 3,3; 20,28; 21,21. Mq 6,8 fala em “amar o amor” ou “amar a misericórdia” (*ahabat hesed*). Oséias denuncia a fragilidade do amor de Israel para com seu Deus, servindo-se de uma imagem sugestiva, posta na boca do próprio Deus – “O vosso amor (*hesed*) é como a nuvem da manhã, como o orvalho que cedo desaparece”, Os 6,4.

O agir misericordioso, no trato com o semelhante, é característica da ética bíblica. É a maneira humana de espelhar a bondade de YHWH, cuja “misericórdia é

eterna!", Sl 136 - 135. "Ele é bondoso e misericordioso, lento para a cólera e cheio de misericórdia", Jl 2,13. Quanto mais o fiel adere, de coração, a YHWH, tanto mais misericordioso será com os mais fracos e indefesos. E será valente em defendê-los da maldade do opressor, pois assim o fez YHWH, apiedado com o sofrimento dos israelitas nas mãos do faraó. Como a misericórdia de YHWH é firme e para sempre, Is 54,8 da mesma forma deve ser a de seus fiéis. Os israelitas vivem da promessa de que a misericórdia de YHWH jamais se afastaria do povo de sua predileção, Is 54,10; Sl 118[117],1-4.

7.3 Justiça – *sedaqah*

O significado mais rico do vocábulo *sedaqah*, vem da tradição profética. Trata-se da situação na qual toda a comunidade está articulada no respeito a cada um, sem exclusão de ninguém, de modo especial aqueles por quem a comunidade deve, em primeiro lugar, se preocupar: os órfãos, as viúvas, os pobres e os estrangeiros. Isto só é possível quando o direito e a misericórdia norteiam o agir da sociedade. Portanto, a justiça resulta de opções éticas bem determinadas, em consonância com o projeto de YHWH.

A denúncia profética da injustiça supõe a estreita ligação entre direito e justiça. O profeta Amós denuncia a perversão da justiça por falta de direito, Am 5,7. Por sua vez, a perversão do direito resulta em injustiça, Am 6,12. Jeremias descreve a sociedade sem justiça, ou melhor, o que seria uma sociedade com justiça. "Assim diz o Senhor: praticai o direito e a justiça. Livrai o explorado da mão do opressor; não oprimeis o estrangeiro, o órfão ou a viúva, não os violentes nem derrameis sangue inocente neste lugar". Jr 22,3; cf. Am 2,6-8; 5,10-12. Do mesmo modo, Ezequiel: "Assim diz o Senhor Deus: já são demais, príncipes de Israel! Repeli a violência e a exploração! Praticai o direito e a justiça [...]. Tende balanças exatas", Ez 45,9-12. Falando aos dirigentes do país, atinge aqueles cuja função precípua consistia em criar uma sociedade fundada na justiça. Essa era uma função incontornável do rei, cuja tarefa consistia em defender os mais susceptíveis de serem vítimas da injustiça.

YHWH, por sua parte, espera a construção de uma sociedade justa, fruto da

obediência e da submissão ao direito. A justiça social é expressão da fidelidade a Deus. A alegoria da vinha (Is 5) expressa bem a expectativa de Deus em relação a seu povo. “Ele esperava o direito e eis a violência; a justiça e eis gritos de aflição” (v.7).

A justiça está em estreita relação com a paz. Os dois vocábulos – *sedaqah* e *shalom* – são com frequência associados. Paz aponta para a situação social baseada no respeito a cada pessoa, a quem se asseguram os direitos fundamentais. Is 32,17 proclamam: “O fruto da justiça será a paz; a obra da justiça será a tranquilidade e a segurança para sempre”, Sl 85,11 – “Justiça e paz se abraçarão”.

7.4 Fidelidade – *emet*

O hebraico *emet* significa constância, firmeza, perseverança. Pode ser traduzido por verdade. Aqui será tomado no sentido de fidelidade. Como nos vocábulos anteriores, fidelidade supõe o direito – a Lei de Israel – como ponto de referência. Fidelidade e infidelidade decorrem da obediência e da desobediência ao querer de YHWH.

YHWH é um Deus fiel, Jr 10,10 que se atém ciosamente à palavra dada. Sua fidelidade foi demonstrada ao longo da história do povo de Israel, em especial nos momentos mais difíceis, quando Israel foi desobediente. Nessas circunstâncias, a fidelidade de Deus torna-se mais evidente, por ter motivos para castigar a infidelidade do povo.

A infidelidade de Israel fazia-se perceptível na idolatria, nas injustiças sociais e nas alianças espúrias. Este foi o resultado de um largo processo corrupção. Jr 2,21 expressa este pensamento – “Eu te havia plantado como vinha excelente, toda de cepas legítimas. Como te degeneraste em ramos de uma vinha bastarda?” “Cepas legítimas” traduz a expressão *zera’ emet*, cujo sentido literal é “semente fiel”. Sublinha o descompasso entre o momento fundacional da fé de Israel, o momento do plantio da vinha, e o momento atual da vida do povo. De sementes boas, brotou uma vinha degenerada. A ética de Israel entrou em descompasso com o agir e o querer de YHWH. Para Oséias isto era evidentíssimo. “Não há fidelidade, nem

amor, nem conhecimento de Deus no país”, Os 4,1.

Uma acentuada irresponsabilidade ética tomou conta do povo. A infidelidade a YHWH levava-os a praticar um culto vazio, sem o alicerce de uma vida com consistência ética. Isaías denunciou tal equívoco. “[Vós] confessais o Deus de Israel, mas sem firmeza (*sedaqah*) nem sinceridade (*emet*)”, Is 48,1. Logo, Israel enganava-se a si mesmo, com sua prática religiosa vazia, feita de pura exterioridade. A volta à fidelidade era uma exigência premente. Consciente disto, Zacarias adverte o povo: “Amai a fidelidade e a paz”, Zc 8,19. E antevê um futuro de fidelidade por parte do povo: “Jerusalém será chamada *cidade da fidelidade*”, Zc 8,3, quando YHWH confirmará sua condição de Deus fiel e justo: “Eu serei seu Deus na fidelidade e na justiça”, Zc 8,8. É a recuperação do verdadeiro *ethos* de Israel.

Jesus de Nazaré e seus seguidores levarão adiante o projeto ético veterotestamentário, como vivência da “nova Aliança”, inscrita nos corações pelo Espírito de Deus, como falará o profeta Jeremias, Jr 31,31-34. O verbete “Ética e Teologia no Novo Testamento” descreverá esse momento novo do *ethos* judaico.

134

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso assumir as lutas concretas em favor da justiça, isto é, da garantia dos direitos dos pobres, oprimidos pequenos e fracos. Não basta compaixão dos pobres e marginalizados, nem se quer ser solidário com eles, por mais importante e necessário que isso seja. É preciso enfrentar os mecanismos que produzem essa situação e de alguma forma, os que promovem ou se beneficiam com ela. Além dos gestos mais simples de solidariedade diários. É necessário cooperar para “resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres”. A desigualdade é a raiz dos males sociais, sua superação passa tanto pela conversão do coração, quanto pela transformação das estruturas sociais, o que só é possível através de organizações sociais e da constituição de força social capaz de enfrentar e alterar a estruturação da vida coletiva.

Por fim convém advertir que a luta contra as injustiças e pela garantia do direito dos pobres, oprimidos e fracos não é só tarefa da igreja e nem algo que ela possa realizar sozinha. Por um lado, a igreja não dispõe de meios econômicos,

políticos, jurídicos, culturais, etc., necessários para tal empreendimento. De outro lado, há uma quantidade enorme de organizações, instituições e forças envolvidas nas mais diferentes lutas pela justiça. A igreja deve inserir-se nesse processo mais amplo e contribuir, à partir de sua missão (realização do reinado de Deus) e dos meios que dispõe (comunidades, pastorais e movimentos, palavras e gestos, princípios e valores, conscientização, denúncia, mobilização popular, pressão social, articulação com outras forças sociais etc.), para que a justiça se torne realidade e os pobres, oprimidos e fracos possam viver com dignidade. A realização da justiça, isto é, a garantia dos direitos dos pobres, oprimidos e fracos, é simultaneamente, sinal de medida da fé cristã (fiel e criativa ao reinado de Deus e a sua justiça).

Entre os maiores e mais graves desafios da vida contemporânea destaca-se a superação desta desumanizante cultura da indiferença social. Quando compreendermos o poder do amor - compaixão e a força da solidariedade cidadã para suscitar entusiasmo, mobilizações e transformações culturais e sociais, decifrando o segredo do fascínio exercido sobre nós por Jesus de Nazaré.

135

REFERÊNCIAS

JUNIOR, F. A. **Viver segundo o espírito de Jesus Cristo**. Espiritualidade como seguimento. São Paulo: Paulinas, 2014.

AGUIRRE, R.; VITORIA, J. "Justicia". *In*: ELLACURIA, I.; SOBRINO, J. *Mysterium Liberationis. Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación*. San Salvador: UCA, 1994. p.539-77.

ALONSO DÍAZ, J. A. Términos bíblicos de "Justiça Social" y traducción de "equivalência dinâmica". **Estúdios Eclesiásticos**, n.51, p.95-128, 1976.

JÚNIOR, A. Francisco de. **A dimensão socioestrutural do reinado de Deus. Escritos de teologia social**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BARROS, M. Ética e solidariedade na Bíblia. **Magis Cadernos de Fé e Cultura**, n.2, p.109-32, 1994.

BÍBLIA SAGRADA. Versão atualizada. São Paulo: CPAD, 2009.

CODINA, V. Fe en Dios y práxis de la justicia. *In*: SOTER (org.). **Deus e vida**. Desafios, alternativas e o futuro da América Latina e do Caribe. São Paulo: Paulinas,

2008. p.129-49.

COMBLIN, J. **A profecia na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2008.

DECRETO OPTATAM TOTIUS. **Sobre a formação sacerdotal**. 1965.

Disponível em:

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_optatam-totius_po.html. Acesso em: 23 out. 2021.

DUPONT, J. Os pobres e a pobreza segundo os ensinamentos do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos. *In*: DUPONT, J.; GEORGE, A. *et al.* **A pobreza evangélica**. São Paulo: Paulinas, 1976. p.37-66.

ELLACURÍA, I. Fe y Justicia. *In*: **Escritos Teológicos III**. San Salvador: UCA, 2002. p.307-73.

GERSTENBERGER, E. S. A ética do Antigo Testamento: chances e riscos para hoje. **Estudos Teológicos**, n.2, p.107-18, 1996.

GONZÁLEZ FAUS, J. I. Justiça. *In*: SAMANES, C. F.; TAMAYO-ACOSTA J. J. **Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999. p.389-94.

GUILLET, J. Justiça. *In*: LÉON-DUFOUR, X. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 2009. p.499-510.

JENSEN, J. **Dimensões éticas dos profetas**. São Paulo: Loyola, 2009.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**: Nova edição revisada e atualizada. São Paulo: Hagnos, 2008.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes e Outros Escritos**. São Paulo: Martin Claret: 2004.

MORAES, N. A imagem de deus e a ética. **Práxis teológica**, v.5, n. 1, 2015.

Disponível em: <https://seer-adventista.com.br/ojs3/index.php/praxis/article/view/600>. Acesso em: 12 nov. 2021.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **Bíblia e Moral**: raízes bíblicas do agir cristão. São Paulo: Paulinas, 2009.

REIMER, H. Sobre a ética nos profetas bíblicos. **Estudos Bíblicos**, n.77, p.29-38, 2003.

RUNFE, Mônica. A Importância da Torá na Identidade Judaica. **Revista Scripta Alumni**, v. 7, p. 93-110, 2012. Disponível em: [10.18304/1984-614/scripta.alumni.n7p93-110](https://www.revista.scripta.alumni.n7p93-110). Acesso em: 12 nov. 2021.

SERMÃO. Sermões prontos para pregar e/ou estudar na língua portuguesa. 2013. Disponível em: <https://www.sermao.com.br/sem-categoria/as-bases-biblicas-da-etica-crista/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SICRE, J. L. **Profetismo em Israel. O profeta, os profetas, a mensagem.** Petrópolis: Vozes, 2008.

THEOLOGICA Latinoamericana. Enciclopedia Digital. **Ética teológica.** 2013. Disponível em: <http://teologicalatinoamericana.com/?cat=46>. Acesso em: 23 out. 2021.

TORÁ. Tradução do hebraico. São Paulo: Sêfer, 2006.

VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1974.